



O Uso do Tempo Livre e as Práticas Culturais na Região Metropolitana de São Paulo

Isaura Botelho
Maurício Fiore¹

A pesquisa sobre o “Uso do Tempo Livre e as Práticas Culturais na RMSP” teve como objetivo contribuir para um melhor conhecimento dos fatores que interferem nas práticas de lazer, puro e simples, ou de lazer cultural. Ou seja, conhecer melhor o que preside as escolhas que as pessoas fazem na ocupação de seu tempo livre.

Os resultados da primeira etapa – sondagem realizada num universo de 2002 pessoas residentes na Região Metropolitana de São Paulo – já apontaram a enorme desigualdade de acesso à cultura tradicional e o peso respectivo das variáveis sócio-demográficas, como níveis de escolaridade e de renda, faixa etária e localização domiciliar.

¹ Isaura Botelho é doutora em Ação Cultural pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do Centro de Estudos da Metrópole/CEM do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento/CEBRAP. Maurício Fiore é mestrando em Antropologia Social na Universidade de São Paulo e assistente de pesquisa no CEM/CEBRAP.

Os dados obtidos na primeira fase serão complementados com entrevistas em profundidade realizadas com uma sub-amostra de cerca de 5% dos entrevistados na etapa quantitativa, selecionada a partir do acúmulo de práticas culturais, escolaridade, faixa etária e região do domicílio. Essas entrevistas, que já estão sendo realizadas, permitirão a exploração mais precisa das escolhas e dos fatores que definem o uso do tempo livre e das práticas culturais na RMSP.

O pano de fundo da pesquisa é, de um lado, a produção de conhecimento sobre a efetiva “vida cultural” da população, entendida como o conjunto de práticas e atitudes que têm uma incidência sobre a capacidade do homem de se exprimir, de se situar no mundo, de criar seu entorno e de se comunicar, já que a vida cultural do indivíduo comporta também atitudes em diferentes períodos de sua vida cotidiana. A contraparte desse pano de fundo é a relação da pesquisa com a necessária avaliação do quadro hoje hegemônico nas diferentes esferas dos poderes públicos, onde há uma demanda na direção de uma formulação mais adequada de políticas públicas. Estas, para serem eficazes, precisam de mecanismos capazes de mapear não só o universo da produção (tarefa mais fácil), mas também de caracterizar melhor, pela coleta mais rigorosa de dados, a relação que os indivíduos mantêm com os equipamentos e com a vida cultural.

Por isso, procurou-se dar atenção não apenas às atividades legitimadas socialmente como culturais – ir ao teatro, ao cinema ou a espetáculos musicais, por exemplo –, mas também àquelas que são mais diretamente relacionadas ao entretenimento, como “uso do tempo livre” – fazer palavras cruzadas, crochê ou praticar esportes – e passeios de tipos variados, como ir a parques, visitar amigos, por exemplo. Sabe-se que o limite entre prática cultural e entretenimento é cada vez mais tênue na medida em que a vida cultural dos indivíduos é vista como um consumo em meio aos demais e está em permanente competição com eles. Como as variáveis de uma pesquisa quantitativa freqüentemente não revelam quase nada sobre as modalidades de engajamento dos entrevistados em suas diferentes práticas e consumos, optou-se pela realização de uma segunda etapa complementar, de natureza qualitativa, com entrevistas em profundidade com um universo de cerca de 100 entrevistas com tipos de praticantes representativos da diversidade encontrada na primeira fase. Este segundo momento tem o intuito de oferecer condições de entender melhor os valores dados pelas pessoas a suas atividades, bem como alargar nossa percepção sobre os mecanismos de transmissão de gostos e hábitos culturais. Esta é a única maneira de avaliar a relação que existe entre as atividades e as condições nas quais os indivíduos são levados a consumir ou praticar: há práticas mais ou menos obrigatórias (escola, profissão, família, amigos,

etc.), há práticas rotineiras, sem envolver grande entusiasmo, há a prática associada ao interesse ou ao prazer e, enfim, há aquela vivida de maneira mais intensa, como uma paixão. *Grande parte das práticas culturais individuais, muitas vezes a maioria, não são ligadas a gostos, mas a circunstâncias, como os dados nos revelaram e veremos adiante no caso da frequência a bibliotecas e no da leitura.*

Nossa pesquisa procura dar um passo para se afastar do que é norma neste tipo de investigação onde a cultura erudita é geralmente privilegiada, já que ela representa o segmento sobre o qual as estruturas governamentais se debruçam, em função de sua legitimidade. Estamos habituados a pensar “a cultura” dominante que se impõe e se faz reconhecer como “a única cultura legítima” e que termina por constituir o paradigma para se constatar as desigualdades de acesso à “Cultura”, com letra maiúscula. Esta constatação é que deu origem às políticas de democratização cultural nos anos 60/70. Isto significa dizer, políticas públicas desenvolvidas com o objetivo de solucionar as desigualdades de acesso da maioria da população à “Cultura” (aquela considerada clássica e legítima). Tais políticas repousam sobre dois postulados: o primeiro define que a cultura erudita é aquela que deve ser difundida; o segundo supõe que basta haver o encontro (mágico) entre a obra e o público (indiferenciado) para que este seja por ela conquistado. As políticas de democratização da cultura levam em conta fundamentalmente os obstáculos materiais às práticas culturais, como a má distribuição ou ausência de espaços culturais e preços muito altos, que continuam sendo vistos como os entraves básicos a um maior consumo cultural, sem atentar para outros fatores que são tão decisivos quanto os citados e que não se reduzem à dimensão econômica ou “de oferta”. Há distinções de formação e de hábitos no tecido da vida cotidiana que têm grande incidência sobre as práticas culturais, a começar pelo fato de a cultura erudita, embora dominante no plano oficial por razões históricas e pelos valores que agrega, ser apenas uma vertente que convive com outras formas de produção e outras tradições populares, tudo bastante infiltrado pela dimensão “industrial” e mercantil dos processos nos dias de hoje. Avançar, portanto, na reflexão sobre o perfil das práticas é partir desta dinâmica de pluralidade (no plano da produção e de suas “raízes”) e de unificação (no plano do controle da distribuição e dos circuitos de consumo), condição para que se estabeleça uma política pública articulada que contemple as várias dimensões da vida cultural sem preconceitos elitistas ou populistas. Hoje parece claro que investir na democratização cultural não é induzir a totalidade da população a fazer determinadas coisas, mas sim oferecer a todos a possibilidade de escolher entre gostar ou não de algumas delas, colocando os meios à disposição, combatendo o não acesso, no caso da

produção menos “vendável”, e o excesso de oferta da produção que segue as leis do mercado, procurando o que seria uma efetiva “democracia cultural”, algo distinto da “democratização” unidirecional até aqui orientadora de políticas.

Entretanto, todos os estudos que vêm sendo desenvolvidos desde os anos 70 continuam tendo como premissa a “democratização cultural”, incorporando muito pouco o debate que motivou a mudança de paradigma para o da “democracia cultural”: a difusão da cultura erudita continua sendo – de maneira geral em todo o mundo – a prioridade orçamentária dos poderes públicos. Isto faz com que o enfoque das pesquisas se volte para as práticas ditas “legítimas” socialmente e, no caso europeu, por exemplo, adota-se geralmente uma definição, deliberadamente arbitrária, de cultura como ‘nomenclatura de atividades’, para se colocarem ao abrigo de acusações de parcialidade com relação às diversas definições de cultura.² Nossa preocupação, diferentemente das pesquisas de mercado, é com o conhecimento aprofundado sobre o que significa a vida cultural para as pessoas e nosso enfoque tem uma preocupação específica com as políticas públicas. Nesse sentido, demos ênfase – embora não exclusiva - a essas práticas (eruditas, tradicionais, clássicas) nesta primeira etapa, deixando a exploração do universo do entretenimento, das relações de sociabilidade e dos usos da metrópole, para a fase qualitativa, já em curso.

Um aspecto que não pode ser desconsiderado quando se trata da região metropolitana de São Paulo é o fato de que a capital é uma cidade onde há uma baixa correspondência entre o crescimento urbano e a distribuição dos equipamentos culturais. O que, para efeitos desta pesquisa, chamamos de Centro Expandido, é a região que concentra todas as vantagens: concentração de equipamentos culturais, população de maior renda e escolaridade, melhor sistema de transporte. Ao desequilíbrio na distribuição pelo espaço da cidade, devem-se acrescentar outras formas de geração de diferenças no uso destes equipamentos, pois há outros fatores decisivos na definição do seu uso por parte da população, vizinha ou não, de algum teatro, museu, cinema ou centro cultural. Ou seja, a análise da sua distribuição espacial é apenas um dos lados da questão e será motivo de uma consideração mais específica, ao lado da apreciação de outros fatores.

De qualquer forma, a presente pesquisa já demonstrou, em sua primeira etapa, o peso da localização domiciliar: morar no Centro Expandido representa 160% a mais de chances de ser um grande praticante em relação àqueles que residem em outras regiões.

² Ver “Les pratiques culturelles en Europe” de Jean-Michel Guy, pesquisador do ministério da cultura da França. In: Participation à la vie culturelle en Europe. Tendances, stratégies et défis. Paris: La documentation Française, 1993.

Demonstrou também que a intensidade da vida cultural da população não é feita pelas práticas legitimadas, aquelas com as quais se preocupam os gestores culturais que administram os equipamentos da cidade, práticas ditas de elite (teatro, museus, bibliotecas, por exemplo), mas principalmente pelo recurso a equipamentos e produtos da indústria cultural, sobretudo eletrônicos.³

As práticas dos indivíduos foram divididas, para efeito de análise, entre aquelas realizadas em casa (práticas domiciliares) e aquelas que exigem deslocamento (práticas externas)⁴. Estas últimas dependem de investimento de tempo e dinheiro, o que as torna mais distintas. A pesquisa mostrou o predomínio das práticas domiciliares, fenômeno massivo em escala internacional, e que vem sendo chamado, pela literatura especializada, de “cultura de apartamento” ou “cultura em domicílio”. Uma das razões da generalização deste tipo de prática é a disseminação e barateamento dos equipamentos eletrônicos, que permite uma diversidade maior de práticas de cultura e de lazer, sem que haja a necessidade de despender tempo e dinheiro, propiciando a simultaneidade de atividades, como escutar música o dia inteiro enquanto se faz outras coisas, por exemplo.

Prática externa x prática domiciliar

A “cultura de apartamento” poderia sugerir a hipótese de que haveria concorrência entre as práticas que implicam no “sair de casa” e aquelas realizadas em domicílio. Neste caso, poder-se-ia imaginar que as práticas domiciliares prejudicariam as externas, no sentido de substituí-las, tal como aconteceria com a menor frequência ao cinema porque existe a televisão e, mais recentemente, o vídeo. No entanto, os dados apontaram que, cerca de 97% daqueles que têm um alto índice de práticas externas são grandes ou médios praticantes domiciliares.⁵ Da mesma maneira, verificou-se que, por outro lado,

³ Para maiores detalhes sobre a distribuição de equipamentos na cidade de São Paulo, ver o artigo de Isaura Botelho “Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública”, disponível no sítio www.centrodametropole.org.br e publicada na revista *Espaço e debates*. SP: USP/NERU, 2003.

⁴ As práticas domiciliares utilizadas como critério para identificar os níveis de prática foram: informática (uso de computador, acesso à Internet, jogos eletrônicos); leitura (revista, jornal, livro por prazer); audiovisual (televisão, vídeo/DVD); música. As práticas externas foram: ir ao cinema, ao circo, ao teatro, a espetáculos de dança (balé, dança moderna, popular), espetáculos musicais (popular, concerto, ópera), visita a museus, a exposições de arte, a cidades históricas e frequência a centros culturais e bibliotecas.

⁵ Tendo de arbitrar estes níveis de acúmulo de práticas definiu-se que o “grande praticante” tem de 5 a 8 práticas domiciliares e de 8 a 14 práticas externas; o “médio praticante” acumula de 3 a 4 práticas domiciliares com 4 a 7 práticas externas; o “pouco praticante” é aquele que tem apenas 1

cerca de 97,1% dos “pouco praticantes ou não-praticantes” domiciliares são também pouco ou não praticantes externos. Ou seja, os resultados apontaram para as chances significativamente maiores de alguém com grandes práticas domiciliares ter também outras práticas externas. Quem faz mais em casa, faz também fora.

Ou seja, a competição não é no nível suposto. No entanto, embora a diferença entre os dois tipos de práticas tenha sido significativa, ambos se distribuem pelos grandes recortes da amostra, considerando idade, escolaridade e classe, com o predomínio, tanto nas domiciliares quanto nas externas, dos mais jovens, escolarizados e ricos.

Não estar vinculado a uma atividade profissional, os dados apontaram, torna-se um grande desestímulo a ser um ativo praticante fora de casa: aqui não se considera apenas o desemprego, mas também a aposentadoria e as atividades domésticas. Nesse caso, a questão financeira assume um peso importante. Também o isolamento, o baixo nível de informação – propiciado pela falta de convívio com a própria cidade – podem ser considerados como fatores que a relação com o mundo exterior ao espaço doméstico.

Numa visão geral, dado o fato de que há uma correlação entre ao pertencimento ao grupo dos grandes praticantes externos e a intensa e diversificada prática domiciliar, verifica-se que as diversas práticas se alimentam mutuamente, tal como foi indicado em outros países. Ou seja, quem se informa (leitura de jornais e revistas) terá maior tendência a buscar mais informação sob outras formas, em práticas culturais domiciliares – como buscar novas leituras, ouvir novos discos – ou em práticas externas, como ir ao cinema, ao teatro, a concertos, espetáculos diversos, etc.

Toda prática cultural exige a acumulação prévia de um mínimo de informação e, na maior parte dos casos, de conhecimentos: como ir ao teatro quando se ignora a existência de um perto de sua casa ou quando nada se sabe de sua programação? Como comprar um livro numa livraria especializada se não se conhece seu autor nem seu título? Aquilo que chamamos correntemente «nível cultural» tem um peso determinante sobre as condições de recepção da obra e sobre as diversas modalidades de práticas culturais: as expectativas de uma pessoa com relação a um espetáculo, por exemplo, bem como a sua satisfação dependem, em grande parte, de seu nível de informação e das maneiras como ela o adquiriu.

ou 2 práticas domiciliares e de 1 a 3 práticas externas; e, finalmente, o “não praticante”, aquele que não tem nenhum dos dois tipos de prática.

Esta tendência, freqüentemente observada no domínio cultural, é referida na literatura sobre o assunto como “lei do acúmulo”: as mesmas categorias da população, e freqüentemente os mesmos indivíduos, têm a tendência a acumular as diversas formas de participação na vida cultural. Indo além desta constatação, espera-se que uma análise mais detalhada possa colocar em evidência a complexidade destas relações de complementaridade/substituição, principalmente entre as atividades ligadas ao audiovisual que acontecem no espaço doméstico e as atividades “concorrentes”, que acontecem no espaço exterior (por exemplo, ver um filme em casa ou ir vê-lo no cinema, escutar um disco ou ir ao concerto, consultar um CD-ROM/Internet ou ir ao museu, assistir a um programa cômico e/ou novela na TV ou ir ao teatro).

É interessante, por exemplo, observar os dados sobre a relação entre ir ao cinema e assistir ao vídeo ou DVD, equipamentos já comuns no conjunto da população, presentes em cerca de 56% dos domicílios pesquisados (atingindo, inclusive, cerca de 8% das classes D/E). Ir ao cinema permanece como a prática cultural externa mais popularizada: cerca de 35% foram pelo menos uma vez nos últimos doze meses e 19,4% vão de uma a quatro vezes por mês.⁶ Destes, 23,2% foram ao cinema e também assistiram vídeo ou DVD, pelo menos uma vez no ano; outros 19,4% foram ao cinema pelo menos uma vez, mas assistiram ao vídeo/DVD cerca de uma vez por mês. Temos o caso inverso daqueles que assistiram apenas eventualmente ao vídeo/DVD no último ano, mas que vão ao cinema pelo menos uma vez por mês, que representam 13,6% da população. Finalmente, temos 11,7% que assistem ao vídeo ou DVD e vão ao cinema pelo menos uma vez por mês. Se contabilizarmos os mais assíduos (pelo menos uma vez no mês, deixando de lado os que foram/assistiram apenas uma vez no ano), numa ou noutra prática, temos porcentagens semelhantes: 31% assistem ao vídeo/DVD pelo menos uma vez no mês e 25,3% vão ao cinema. Semelhantes também são as porcentagens inversas; 65% da população não foram ao cinema no ano anterior à pesquisa, da mesma maneira que cerca de 58% não viram vídeo ou DVD. Ou seja, os cerca de 7% de diferença a favor da prática domiciliar poderiam configurar, mais do que uma questão de gosto ou preferência, as dificuldades de deslocamento e a sensação de insegurança na região metropolitana e o custo dos ingressos⁷, apontando, inclusive, para uma certa complementaridade entre as duas práticas. Claro que não dá para checar

⁶ Apesar disso, o cinema registra alta porcentagem de entrevistados que nunca o freqüentaram na vida, cerca de 17%. E também é alta a porcentagem dos que não foram no último ano: 65%.

⁷ Dados de mercado apontam a existência de 313 salas de cinema e 4 milhões e meio de espectadores anuais na RMSP.

quem é quem, ou seja, se os que não vêem filme na sala de cinema ou em casa são os mesmos, mas a correlação é sugestiva, pois a lei do acúmulo diria que em grande parte são os mesmos. Entre os que não foram ao cinema nos 12 meses, 19% assistem vídeo ao menos uma vez por mês. No total da amostra, esse grupo representa 12,2% do total, ou seja, cerca de 1 em cada 10 entrevistados, satisfaria sua “demanda” por ver filmes em casa.⁸

Televisão e rádio

A posse de aparelho de televisão é absolutamente disseminada, em todas as classes sociais. O aparelho de TV em cores está em cerca de 96% dos domicílios, sendo que mesmo entre as classes D/E, esse número atinge 87%. O hábito de assistir à televisão atinge 91,8% da população, sendo que desses, os 69% que afirmam assisti-la diariamente pertencem às classes mais altas, são mais escolarizados e mais jovens. Não há uma diferença sensível entre a audiência durante a semana e fins-de-semana, o que de certa maneira surpreende, pois, tendo em vista as dificuldades de deslocamento na metrópole, supor-se-ia que as pessoas assistissem mais à televisão nos fins-de-semana. Homens e mulheres assistem à televisão em porcentagens praticamente iguais, com uma insignificante superioridade masculina, tanto durante a semana como nos fins-de-semana.

A pesquisa mostra também que o rádio não foi abandonado em função da televisão: 93% possuem rádio, 58,4% o ouvem diariamente, e 15%, algumas vezes por semana, configurando-se como a segunda prática mais disseminada na região metropolitana. Tudo indica que a escuta musical é o principal motivo de consumo, seguido da informação. Esse fato nos indica a necessidade de uma maior atenção aos estudos sobre essa mídia, que tem sido muito pouco atendida pela pesquisa acadêmica, que dá muito maior ênfase à TV, como se o rádio tivesse perdido o seu papel: os dados nos apontam que não é verdade.

Internet e computador

⁸ Na verdade, o fator decisivo para a perda de público do cinema está mais diretamente relacionado à televisão aberta, fator este já identificado desde os anos 50/60 nos Estados Unidos e nos anos 70/80 no Brasil.

Os dados apontam que apenas 28% da população têm computador em casa, sendo 2,6% pertencentes às classes D/E. Cerca de 18% da população usam computador diariamente, 29% o fazem várias vezes por semana e 30% têm acesso à Internet. Os 71% que afirmaram não usar ou usar raramente o computador são compostos principalmente de pessoas com baixo nível de escolaridade (65,3%), cujos pais também têm baixo nível de escolaridade (90%) e pertencem às classes econômicas mais baixas (38,8% nas D/E e 42,3% na C). O acesso ao equipamento e à Internet, no entanto, é feito em outros espaços: no trabalho, na escola, na faculdade, na casa de parentes ou amigos ou em órgãos públicos que os colocam à disposição para a população. Isto significa que 14,3% dos que não possuem computador em casa têm acesso à Internet nesses outros locais, grupo que é formado, basicamente, por pessoas de 15 a 39 anos, com níveis alto ou médio de escolaridade (24,6% e 59,5% respectivamente) e pertencentes às classes B e C (31,3% e 54,%). Entre os jovens de 15 a 24 anos, o trabalho (40,8%) e a escola ou faculdade (30,9%) são os locais mais comuns de acesso.

A faixa etária está entre os principais preditores para o uso do computador e do acesso à Internet. A população acima dos 40 anos é a que menos utiliza essas tecnologias: perfazendo 44,7% do total da amostra, correspondem a apenas 27,4% dos que usam o computador e 31,6% dos que acessam a Internet.

Música

Ouve-se muita música. Os shows de música popular têm um público mais significativo do que a música erudita: 43,3% nunca foram a um show de música popular, 37% não foram nos doze meses anteriores e apenas 19,4% foram. Vai-se muito pouco a concertos de música erudita, o que era esperado e vai ao encontro das pesquisas em outros países: 88,8% nunca foram em suas vidas e daqueles que foram, 6,9% não o fizeram no ano anterior.

O hábito de ouvir música diariamente ou algumas vezes por semana foi relatado por quase três quartos dos entrevistados (73,9%). O envolvimento com a prática musical amadora, como ter estudado ou estudar um instrumento musical ou canto/cantar, também se distribuiu da mesma maneira. Em que pese as diferenças econômicas e de escolaridade, as porcentagens de jovens entrevistados envolvidos com práticas musicais foram relevantes; os jovens tocam/aprendem a tocar instrumentos, ouvem música,

cantam e estudam canto mais do que qualquer outra faixa etária. A posse de um instrumento musical em casa atinge 27% da população e 15% tocam ou estão aprendendo algum tipo de instrumento, enquanto 63,4% afirmam ter o hábito de cantar. Quanto aos gêneros prediletos, a música nacional tem a primazia sobre todas as outras: a música sertaneja, a MPB, o rock nacional, o samba, dentre outros gêneros populares, são os mais citados. A música religiosa alcança um índice alto de preferência, 16,3%. A música erudita alcança 7% e a ópera 2,4%, compatíveis com os 2,1% que afirmaram ter ido à ópera no ano anterior.

É importante atentar que, a despeito das porcentagens de frequência serem proporcionalmente mais altas entre os mais escolarizados e mais ricos, a porcentagem dessa população que afirmou não ter ido a espetáculos musicais foi considerável. No caso dos shows de música popular, cerca de 1 em cada 5 entrevistados com alto nível de escolaridade afirmou nunca ter ido durante a vida. Essas porcentagens foram, obviamente, ainda menores para os espetáculos mais raros: no caso da música clássica, cerca de 2 em cada 3 entrevistados com nível alto de escolaridade afirmaram nunca ter ido a um concerto na vida e, entre os que já foram, 60,7% não o fizeram nos últimos 12 meses. No caso da ópera, cerca de 3 em cada 4 entrevistados com alto nível de escolaridade afirmaram nunca ter ido e, dentre esses, 71% não o fizeram nos últimos 12 meses. Numa análise através do recorte etário, os jovens foram mais aos shows de música popular e menos aos concertos de música clássica e ópera.

Leitura por prazer e frequência a bibliotecas

Ter lido um livro por prazer no ano anterior à pesquisa atingiu uma porcentagem de 40,5% da população: entre os 15 e os 40 anos se lê mais, nos níveis médio e alto de escolaridade e, sem muita surpresa, com maior participação das classes A/B (54,6%) e uma grande concentração de jovens (15 a 19 anos). No entanto, os índices referentes às classes C – 41,4% - e D/E – 24,9% - surpreenderam, na medida em que se fala com muita naturalidade que se lê pouco no Brasil. Poder-se-ia supor que houvesse uma relação entre a leitura por prazer e a frequência a bibliotecas. Contrariamente, os dados apontaram que cerca de dois terços dos que leram pelo menos um livro por prazer não frequentaram uma biblioteca nesse período. Os que não frequentam são, em geral, mais velhos e menos escolarizados, mas temos, também, um contingente expressivo de pessoas (50,6%) que, tendo um nível alto de escolaridade, não foram a uma biblioteca no

ano anterior. Mais surpreendente foi verificar que 4,3% da população altamente escolarizada nunca o fizeram na vida.

Artes cênicas: o teatro, o circo e a dança

A saída recente (12 meses anteriores) de casa para assistir a uma peça teatral, seja num teatro, seja em qualquer outro local, foi uma prática relatada por uma porcentagem baixa dos entrevistados: 57,9% deles afirmaram nunca ter ido a um teatro, 66,5% nunca assistiram a uma peça em nenhum outro local e 45,3% deles nunca fizeram nem uma coisa nem outra. Níveis de escolaridade e classe social foram, mais uma vez, variáveis decisivas para a freqüência ao teatro. Entretanto, os entrevistados com nível médio de escolaridade também registraram porcentagens significativas de freqüência, superando o que seria sua representação na amostra. É interessante notar, também, que cerca de um em cada três entrevistados pertencentes às classes A e B (31%), 1 em cada 7 (14,2%) com nível alto, e cerca da metade com nível médio de escolaridade (49,2%, 16,7% do total), afirmou nunca ter ido a um teatro para ver uma peça na vida. Verifica-se que a freqüência ao teatro diminui progressivamente com o avanço da idade do entrevistado, caindo de 44,8% (para a faixa de 15 a 19 anos) para 17,3% (para a faixa acima dos 60 anos). Além disso, entre os que já foram ver uma peça num teatro pelo menos uma vez na vida, é na faixa etária dos 15 aos 19 anos que se registra a maior porcentagem de freqüência também nos últimos 12 meses anteriores à pesquisa (47,5%). Essa proporção varia de 29,2% (para a faixa entre 20 e 24 anos) a 35,8% (para a faixa de 40 a 59 anos). Uma das possíveis explicações é que assistir a peças teatrais faz parte das atividades curriculares da escola.

Diferentemente do teatro, a ida pelo menos uma vez na vida a um circo foi relatada pela grande maioria dos entrevistados, cerca de 3/4 (76,1%) Mas, se por um lado, a ida ao circo pelo menos uma vez na vida atingiu altas porcentagens, a ida mais recente (últimos 12 meses) foi relativamente rara, sendo citada por apenas 8,9% dos entrevistados, porcentagem ainda menor que a ida ao teatro ou a qualquer outro lugar para ver uma peça. Ainda que importantes, as clivagens entre os diferentes níveis de escolaridade não foram tão significativas quanto no caso de outras práticas, como teatro e cinema. Duas variáveis especialmente importantes no caso da freqüência ao circo foram idade e ter ou não ter filhos. No recorte etário, a diferença significativa fica por conta dos entrevistados com mais de 60 anos, cujo índice de freqüência no último ano foi menos da

metade das outras faixas etárias (4%), diferença que, apesar de menor, também ocorre com relação a ter ido pelo menos uma vez durante a vida. Além disso, controladas as diferenças etárias, os entrevistados com filhos registraram, em média, 36,6% mais casos de ida recente ao circo do que os entrevistados sem filhos.

Quanto à dança, cerca de 28% gostam de sair para dançar, sendo que 14% saem pelo menos uma vez por mês. No entanto, 78% da população nunca foram assistir um espetáculo de dança em suas vidas, e quando se trata de balé a porcentagem dos que nunca foram sobe para 88%. Trata-se de uma prática rara mesmo para os níveis mais altos de escolaridade e renda: metade daqueles pertencentes à classe A nunca foi. Como no caso das artes plásticas, verificou-se a relação entre o aprendizado formal e a prática amadora e a frequência a espetáculos, o que corresponde aos 72% da população que nunca saem para dançar. Ou seja, há mais chance de uma pessoa de qualquer nível de escolaridade ter ido, pelo menos uma vez na vida, a um espetáculo de dança ou balé se ela tiver estudado ou tiver o hábito de sair para dançar.

Entre as mulheres, 18,7% já estudaram ou estudam dança, enquanto apenas 6,1% dos homens fizeram o mesmo. No caso de saber ou estar aprendendo a tocar instrumentos, os homens correspondem a 22,5%, enquanto apenas 8,1% das mulheres o fazem.

Artes plásticas e visita a museus

Três tipos de práticas de visitas relacionadas às artes plásticas e acervos históricos ou científicos foram incluídas na pesquisa: museus, exposições de arte e visitas a cidades históricas. Em todas elas não houve registro de porcentagens surpreendentes, o que indica a baixa disseminação dessas práticas. Uma pequena parcela dos entrevistados foi a um museu ou a uma exposição de arte nos últimos 12 meses, sendo a maioria deles de setores mais ricos e escolarizados. Nesse grupo, algumas surpresas: entre os entrevistados com nível alto de escolaridade, 14,4% nunca foram a um museu e 27,5% nunca foram a uma exposição de arte. Preocupante o fato de que 44,7% nunca foram a um museu e 64,7% a uma exposição são dados que expressam a pouca relevância ou da falta de conhecimento de uma parcela significativa da população com relação a equipamentos ou manifestações que, no caso das grandes exposições de arte, por exemplo, têm grande repercussão na mídia.

A grande diferença entre museus e exposições de arte foi sua ocorrência ao longo da vida, substancialmente maior no caso dos museus. Essa diferença parece estar relacionada a duas razões. Em primeiro lugar, os museus são muito mais numerosos e tradicionais que as exposições de arte, cujo fenômeno de expansão é recente. Em segundo lugar, as excursões escolares para alguns museus mais conhecidos, como o Museu Paulista, são bastante comuns e, portanto, ajudam a entender a porcentagem razoável de frequência pelo menos uma vez na vida.

Ainda com relação às artes plásticas, foi perguntado aos entrevistados se haviam realizado durante a vida, e nos últimos doze meses, algum trabalho artístico, excetuando-se trabalhos de tricô, crochê e bordados. Como era esperado, além de uma porcentagem absoluta pequena, os entrevistados mais escolarizados, ricos e jovens (provavelmente devido à idade escolar) alcançaram as maiores porcentagens. No entanto, como foi visto na primeira parte do texto, independente do nível de escolaridade, o fato de ter realizado um trabalho artístico aumenta as chances de o entrevistado ter frequentado um museu ou uma exposição de arte.

Outros hábitos e práticas de lazer

Ao lado da ênfase da pesquisa sobre as práticas culturais legitimadas socialmente enquanto tais, outras formas de uso do tempo livre foram também objeto de observação. Os dados revelaram que justamente os entrevistados que mais acumulam práticas culturais são os que também mais acumulam atividades de lazer de outros tipos, como práticas esportivas, jogos diversos, passeios, idas ao zoológico, ia festas, etc. Ou seja, pensar na questão do acúmulo de práticas ultrapassa a questão cultural *stricto sensu*.

Ir ao *shopping center* a passeio se revelou a atividade externa ao domicílio mais disseminada: cerca de 71% o fizeram nos últimos doze meses, sem distinção de gênero que fosse significativa, com predomínio de entrevistados mais jovens, mais ricos e mais escolarizados. Essa estrutura se manteve em outras diversões pesquisadas, como ir a um parque de diversões (42%), a um jardim zoológico ou botânico (29%), à praia (57%), a festas populares (46%) e a feiras de artesanato ou antiguidades (31%). A única atividade que apresentou frequência bem distribuída entre as classes sociais, ainda que hajam diferenças sutis, foi a dos desfiles carnavalescos, quer como participante, quer como público (22% para as classes A/B; 21% para a classe C e 16% para as classes D/E).

No caso dos esportes, o habitante da região metropolitana joga duas vezes mais futebol (30%, dos quais cerca de 10% são mulheres) do que assiste a partidas profissionais (15,7%). A pescaria tem 26% de adeptos, 35,7% fazem algum tipo de ginástica e 30% jogam bilhar. O videogame tem 31% de fãs e 36% gostam de jogos eletrônicos, seja em casas especializadas ou no computador.

Uma prática com distribuição surpreendente foi a de fazer palavras cruzadas (45,5%), que se revelou maior entre a população mais jovem, resultado que não era esperado: 58% dentre aqueles que têm de 15 a 19 anos, 55% dos que têm entre 20 e 24 anos e 47% dos que estão entre 25 e 39 anos. Inesperadamente, os mais velhos, que têm mais de 60 anos, atingem o menor índice quando se trata dos amantes de palavras cruzadas, 30%. Esse pode ser um efeito da variável escolaridade, que foi decisiva na resposta positiva a esse tipo de atividade.

Entre outras práticas que geralmente acontecem no domicílio, os concertos não profissionais apresentaram as maiores porcentagens, atingindo mais da metade dos entrevistados. Os homens tiveram uma representação um pouco maior do que as mulheres, assim como os entrevistados na faixa etária entre 25 a 59 anos. O maior nível de escolaridade e de renda também foram variáveis importantes, o que se repetiu no caso da prática da jardinagem, atividade que atrai, de forma equilibrada, tanto homens como mulheres e porcentagens maiores entre os entrevistados com mais de 40 anos. A experimentação ou invenção de receitas culinárias registrou um índice surpreendente (46,5%), no qual os homens têm uma participação também inesperada (31%), embora representem a metade da porcentagem feminina. Os adeptos dessa prática estão principalmente entre os entrevistados mais ricos e escolarizados.

Trabalhos manuais como crochê, tricô, bordados, são as únicas práticas que se caracterizaram como tipicamente femininas. Elas têm um aspecto democrático, pois são equilibradamente distribuídas em todas as classes sociais, em torno de 20% de cada uma delas. Apesar de uma distribuição razoável entre as diversas faixas etárias, quanto mais velha a entrevistada, maior a chance de ter realizado esse tipo de atividade.

Gênero

Quanto à questão de gênero, verificou-se que ela tem pouca influência em geral, sendo significativa apenas em dois ou três aspectos. Por exemplo, o fato de os homens terem um pouco mais de práticas domiciliares que as mulheres, cerca de 2%, e se igualarem no que se refere às práticas externas, é, mesmo que a diferença seja pequena, um fato indicativo de mudanças na sociedade. Se o espaço doméstico ainda é considerado como privilégio – ou obrigação – das mulheres, pode-se verificar, principalmente quando observamos que homens e mulheres têm níveis de práticas externas equivalentes, que tudo aponta para a transformação do papel da mulher na vida social.

Nas regressões gerais realizadas, o gênero não foi importante para a clivagem entre ser muito ou pouco praticante. Apenas no caso de jovens até 24 anos, ser mulher é ter quase o dobro de chance de não ter nenhuma prática. Surpreendentemente, no caso das pessoas com mais de 60 anos, ser mulher aumenta em mais de 200% as chances de ter tido pelo menos uma prática externa.

Entre os homens com alta escolaridade, 12,6% têm muitas práticas externas e 11,2% são não-praticantes. Este é um índice alto, já que ter um alto nível de escolaridade e renda é considerado, pela literatura especializada, um bom preditor da “cultura do sair”. Entre as mulheres com alto nível de diploma, 20,6% são muito praticantes e 7,2% são não praticantes.

Canta-se bastante: 63,4% da população têm esse hábito, com distribuição relativamente equilibrada entre classe social e escolaridade. A única categoria que tem menos da metade de praticantes (44,8%) é a daqueles que têm mais de 60 anos. Cantar em casa, sozinho, é o local preferido: 55,6%. Em segundo lugar, as festas com amigos (17%), a igreja (16,8%) e o karaokê (14,4%). As mulheres cantam mais do que os homens (71% e 55% respectivamente), embora a diferença não seja tão grande. Entre as mulheres, 18,7% já estudaram ou estudam dança, enquanto apenas 6,1% dos homens fizeram o mesmo. No caso de saber ou estar aprendendo a tocar instrumentos, os homens correspondem a 22,5%, enquanto apenas 8,1% das mulheres o fazem.

No caso de freqüência a bibliotecas, temos um equilíbrio entre os gêneros, mas quanto à leitura as mulheres superam os homens: 44,7% delas leram pelo menos um livro por prazer no ano anterior, enquanto que o índice masculino foi de 36%. A leitura de jornal faz uma grande diferença entre eles: enquanto 41,2% dos homens o lêem com regularidade, as mulheres apresentam 28% de leitoras assíduas. A leitura de revistas é

uma preferência feminina: 45,6% das mulheres têm o hábito de lê-las, enquanto os homens são 34%.

Escolaridade dos pais

Conforme já observado em pesquisas similares em outros países, verificou-se o peso do nível de escolaridade dos pais na intensidade da relação com o mundo da cultura. O fato de alguém ter ambos os pais com baixo nível de escolaridade aumenta em 395% a sua chance de ser um não-praticante da cultura do sair. O fato de apenas um dos pais ter o nível médio de escolaridade já aumenta a possibilidade do indivíduo ser um grande praticante. A bagagem cultural herdada dos pais é identificada como um preditor decisivo na vida de um adepto da “cultura do sair”: ter pais altamente escolarizados é mais importante do que o nível de renda e de diploma do próprio indivíduo.⁹ Ou seja, sabe-se que o acesso à cultura resulta fortemente das transmissões familiares: filhos de pais com nível alto de escolaridade têm o acesso à cultura tradicional facilitado.

Se de maneira geral os resultados desta primeira etapa da pesquisa sobre o uso do tempo livre e as práticas culturais na RMSP confirmaram alguns dos principais pressupostos resultantes das pesquisas internacionais realizadas em diversos países, como o peso dos fatores escolaridade, renda, faixa etária e localização domiciliar na relação das pessoas com a vida cultural, ela também apontou para questões que vão em direção ao trabalho do sociólogo francês Bernard Lahire.

Lahire propõe um novo olhar sobre as pesquisas sobre práticas culturais, no caso francesas, chamando a atenção para as diferenças internas a cada indivíduo antes de visar as diferenças entre classes sociais. Desta maneira, afirma ele, tem-se a oportunidade de observar que com relação a todos os indivíduos, em todos os grupos sociais, a fronteira entre a legitimidade cultural (a “alta cultura”) e a ilegitimidade cultural (a “baixa cultura”, o “simples divertimento”) não separa simplesmente as classes, mas divide as diferentes práticas e preferências culturais dos próprios indivíduos. A isso ele chama de dissonâncias – vistas muitas vezes como “ruídos” - no comportamento cultural dos indivíduos, e essas seriam mais prováveis nas classes médias e superiores do que nas populares, em todos os níveis de diploma (mesmo se muito mais provável naqueles que

⁹ Para maiores detalhes, ver: DEP. Les pratiques culturelles des Français. Paris: La documentation Française, 1990.

têm pelo menos o 2º grau do que nos menos escolarizados) e em todas as faixas etárias (mesmo que com menor probabilidade quanto mais se avança na idade).

Ele alerta que é maior a chance, para os indivíduos que compõem o universo dos entrevistados, de terem um perfil cultural consonante “por baixo” (baixa legitimidade) do que “pelo alto” (forte legitimidade). Ou seja, é muito difícil se encontrar alguém que tenha exclusivamente práticas altamente legitimadas, ou seja, absolutamente “consonantes”; o contrário seria, em princípio, mais possível, na medida em que as práticas com índice alto de legitimidade estão correlacionadas com níveis altos de escolaridade e renda.

Desta forma, ele aporta novas contribuições à sociologia da cultura, inaugurada por Pierre Bourdieu em seu estudo inaugural sobre os públicos dos museus europeus e, posteriormente, sobre a distinção.¹⁰ Aqui, o olhar se dirige principalmente para a distribuição desigual das obras, das competências culturais e das práticas. É uma sociologia das desigualdades e das funções sociais da cultura dominante. Bourdieu chama a atenção, em primeiro lugar, para o desejo de distinção do que é considerado “vulgar” (nos dois sentidos do termo: o “comum” e o “grosseiro”), desejo que se faz acompanhar de um outro, o desejo de legitimidade, de excelência. Dentre as contribuições desses trabalhos, a luta contra a ideologia do dom natural, ou gosto inato, se configura como uma das mais importantes, apontando para a existência de uma correlação estatística entre a hierarquia das artes (ou dos gêneros) e a hierarquia social/escolar dos públicos.¹¹

Lahire chama a atenção para o fato de que a noção de cultura “legítima” só pode existir em meio àqueles que acreditam em sua importância, e mesmo na superioridade de certas atividades e de certos bens culturais com relação a outros. Por isso, só se pode falar em desigualdade de acesso quando há um forte desejo alimentado coletivamente. Os desejos cultivados nos limites de subgrupos ou de pequenas comunidades jamais constroem condições de surgimento de desigualdades sociais. É necessário que este desejo alcance populações mais vastas, o que termina apontando, mais uma vez, para a importância da educação, seja ela formal ou informal, no sistema de constituição de gostos.¹²

¹⁰ BOURDIEU, P.; DARBEL, A. *L'amour de l'art*. Une étude sur les publics des musées d'art européens. Paris: Éditions de Minuit, 1966. E *La distinction: une critique du jugement*. Paris: Éditions de Minuit, 1979.

¹¹ LAHIRE, Bernard. *La culture des individus*. Dissonances culturelles et distinction de soi. Paris: La découverte, 2004.

¹² A importância da educação formal se deve ao fato de a escola ter um público cativo, o que a torna um espaço privilegiado de transmissão de conhecimento. Idem.

As práticas de relaxamento, o “esvaziar a cabeça” são freqüentes em todos os meios sociais e contribuem, em parte, para criar perfis culturais dissonantes nas populações mais fortemente escolarizadas. Isto significa dizer que essas pessoas se permitem ter práticas que elas mesmas consideram pouco legítimas culturalmente, em nome da quebra de uma rotina considerada estressante. Seriam aqueles, segundo Lahire, mais dependentes dos mercados culturais classicamente legítimos ou que estão em condição de se avaliar o mais freqüentemente face às normas legítimas clássicas – burguesia e pequena burguesia culturais, essencialmente – que mais se ressentem dos efeitos de legitimidade da ordem cultural dominante.¹³

Voltando aos dados da pesquisa sobre os habitantes da região metropolitana de São Paulo, ao compararmos a disseminação de algumas práticas da cultura do sair entre os muito praticantes e o restante da amostra, verificamos resultados bastante ilustrativos da existência de uma zona híbrida extremamente importante entre os pólos extremos dos grandes praticantes e dos pouco praticantes. A tabela abaixo indica a

necessidade de se ter um olhar mais fino sobre os mecanismos de transmissão de gostos, relativizando o peso das variáveis classe, renda e escolaridade, principalmente porque os dados nos informaram haver, mesmo que pequeno, um público das classes C, D/E, em práticas altamente distintivas, como ir à ópera e a concertos de música clássica.

DISSEMINAÇÃO DE ALGUMAS PRÁTICAS EXTERNAS ENTRE OS MUITO PRATICANTES E O RESTANTE DA AMOSTRA

Ter ido no último ano	Porcentagem de muito praticantes (x)	Porcentagem de médio e pouco praticantes (y)	Porcentagem de muito praticantes no total de freqüentadores	Porcentagem de médio e pouco em relação aos muito praticantes (x/y)100
Ópera	27,4%	1,1%	46,4%	4,0%
Concerto música clássica	42,6%	2,9%	34,3%	6,8%
Balé clássico	31,8%	2,7%	29,9%	8,5%
Festival de artes	62,9%	5,5%	29,3%	8,7%
Espetáculo de dança	73,5%	7,1%	27,5%	9,7%
Circo	37,3%	3,9%	14,7%	10,5%
Centro cultural	68,0%	8,6%	22,2%	12,6%
Museu	87,9%	11,3%	21,9%	12,9%
Teatro	89,1%	12,1%	21,2%	13,6%
Exposição de arte	84,4%	12,4%	19,7%	14,7%
Cidade histórica	65,0%	13,3%	15,0%	20,5%
Show música popular	76,8%	17,3%	13,8%	22,5%
Biblioteca	75,0%	19,2%	12,4%	25,6%

¹³ LAHIRE, B. op.cit.

Cinema	94,0%	32,9%	9,4%	35,0%
---------------	-------	-------	------	--------------

Esse quadro aponta que, do grupo dos muito praticantes externos, 27,4% foram à ópera nos últimos doze meses; dos outros grupos somados, apenas 1,1% o fizeram. No entanto, como os outros grupos somados correspondem a 96,5% da amostra total, o cálculo indica que o grupo dos muito praticantes corresponde a 46,4% do público da ópera e os outros somados correspondem a 53,6%.

Da mesma maneira, se 89% dos grandes praticantes foram ao teatro e 12% dos médio ou pouco praticantes afirmam o mesmo, o público do teatro seria composto por 21% de grandes praticantes, enquanto o restante seria formado pelos médio ou pouco praticantes, onde estariam, provavelmente aqueles que adoram o teatro e que não se interessam muito por outras artes, além de uma parcela de freqüentadores eventuais. Esses dados vão ao encontro das questões levantadas por Lahire, com um indicador altamente positivo para aqueles que não estão “classificados” entre os grandes praticantes externos, sobretudo quando estamos considerando práticas bastante legitimadas, sendo que ir à ópera é reconhecidamente uma das mais distintivas em todo o mundo.

A tabela segue uma escala que vai da prática mais distintiva da “cultura do sair” àquela mais popular, que é o cinema, e vemos que a proporção daqueles que têm menos práticas externas e legitimadas estão presentes em todas elas, compondo uma porcentagem importante do público destas atividades.

Embora os muito praticantes externos correspondam a apenas 3,5% da amostra, eles constituem quase metade (46,4%) dos freqüentadores de ópera. No caso, este mesmo grupo corresponde a 9,4% dos freqüentadores de cinema. Verifica-se que a razão entre a disseminação de uma prática na amostra geral e no grupo de muito praticantes aponta o quanto determinada prática é mais ou menos associada ao fato de o indivíduo ser muito praticante. Assim, ter ido ao cinema está muito menos relacionado a um entrevistado com grande acúmulo de outras práticas externas, enquanto ir à ópera ou a um espetáculo de música clássica está associado mais diretamente ao grupo dos muito praticantes. Ou seja, ir ao cinema está mais bem distribuído entre os diferentes grupos do que qualquer outra prática externa, o que demonstra sua popularidade. Inversamente, o ir à ópera é, dentre as práticas pesquisadas, a que tem maior correlação com o grupo de muito praticantes. A ópera e a música clássica estão muito mais associadas aos

entrevistados que acumulam um número maior de práticas do que o ir à biblioteca ou ao cinema.

O mesmo pode ser dito das práticas domiciliares, dentre as quais o hábito de ver televisão e ouvir música são disseminados de maneira uniforme, enquanto ter acesso à Internet, por exemplo, tem alta correlação com o grupo de muito praticantes. A tabela define, quando se faz o movimento descendente, um grau crescente de democratização das práticas.

DISSEMINAÇÃO DE ALGUMAS PRÁTICAS DOMICILIARES ENTRE OS MUITO PRATICANTES E O RESTANTE DA AMOSTRA

Ter o hábito ou ter feito...	Porcentagem de muito praticantes (x)	Porcentagem de médio e pouco praticantes (y)	porcentagem de muito praticantes no total dos que tiveram essa prática	porcentagem de médio e pouco praticantes em relação aos muito praticantes $(x/y)100$
Acesso à Internet	75,6%	28,1%	8,9%	37,2%
Usar computador	70,2%	27,2%	8,5%	38,7%
Ler jornal	78,0%	32,7%	7,9%	41,9%
Leitura por prazer (ano anterior)	86,4%	38,9%	7,4%	45,0%
Assistir a vídeo/DVD	67,3%	30,3%	7,4%	45,0%
Leitura de revista	78,7%	38,7%	6,9%	49,2%
Ouvir música	77,5%	73,7%	3,7%	95,1%
Assistir à televisão	94,5%	93,9%	3,5%	94,4%

Podemos verificar que 75,6% dos muito praticantes têm acesso à Internet, enquanto 94,5% deste mesmo grupo têm o hábito de assistir à televisão. 28,1% dos médio e pouco praticantes têm acesso à Internet, enquanto 32,7% deste mesmo grupo têm hábito de ler jornal. O grupo de muito praticantes perfaz 8,9% dos que têm acesso à Internet e 3,5% dos que têm hábito de assistir à televisão. De cima para baixo, temos um índice crescente de “democratização” das práticas. Em termos numéricos, a chance de um pouco ou médio praticante ser um telespectador é 94,4% da chance de um muito praticante sê-lo. A chance de um pouco ou médio praticante ter o hábito de ler jornal é 41,9% da chance de um muito praticante ter o hábito de ler jornal.

À guisa de conclusão

Considerando os dados obtidos por esta primeira etapa da pesquisa, pode-se dizer que, em grande parte, há uma confirmação dos fatores que influem no perfil das práticas encontrados em outros países: idade, nível de escolaridade, nível de escolaridade dos

pais, localização domiciliar. Confirma-se também a “lei do acúmulo” de práticas, da cultura em domicílio (ou de apartamento). Podemos pensar talvez que na Região Metropolitana de São Paulo, considerada as diferenças econômico-sociais em face do Primeiro Mundo podem até aumentar a importância de tal cultura, dada a dificuldade de acesso à “cultura paga”. Confirma-se também o que Lahire observa sobre a “dissonância” entre as práticas culturais, principalmente dos mais escolarizados e ricos.

Os dados também confirmaram a presença na RMSP de hábitos associados ao que, de um lado, define uma particularidade brasileira com conseqüências culturais e políticas: a hipertrofia da televisão; de outro, ao que se associa, nos discursos sobre identidade, aos traços nacionais: a maior vivência da música popular brasileira, em seus diferentes matizes, tanto no consumo quanto no fazer, face a outros gêneros de música e a outras artes; o significativo engajamento em atividades carnavalescas numa cidade pouco “favorável” ao carnaval como São Paulo, bem diferente de contextos como os do Rio de Janeiro, de Salvador ou de Recife. A manutenção das práticas tradicionais ligadas à sociabilidade, como a pescaria, a sinuca, a preferência por jogar futebol em detrimento da ida ao estádio.

Por ser a primeira pesquisa com tal amplitude realizada no Brasil, deve-se ter cautela na interpretação dos dados. O refinamento que será propiciado pela etapa qualitativa complementar poderá nos apontar novos aspectos que deverão ser explorados se pudermos contar com a possibilidade de uma investigação continuada, com novas enquetes por sondagem geradoras de dados a serem comparados com estes.

Como um raio X da população, esta pesquisa oferece uma plataforma para estudos mais pontuais que órgãos públicos podem promover para se orientar na condução de suas políticas referidas, não só às várias artes, como também aos usos diversificados da metrópole e de seus equipamentos, não apenas culturais como também de esportes e de lazer.